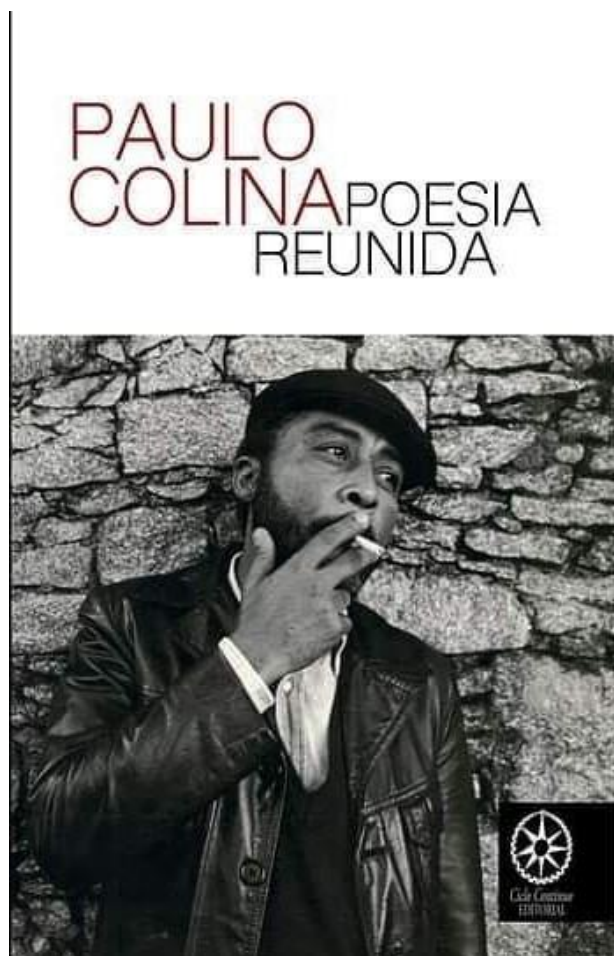


Paulo Colina – *Poesia reunida*

Ricardo Riso*



A Ciclo Contínuo Editorial lança a obra poética de Paulo Colina em cuidadosa edição de *Paulo Colina – Poesia Reunida* (2020), com edição de Eunice Souza e Marciano Ventura, apresentação de Oswaldo de Camargo, posfácio de Ricardo Riso, ensaio fotográfico de Mario Espinoza e uma biobibliografia do autor.

O escritor Paulo Colina (1950-1999) foi um dos mais ativos literatos negro-brasileiros da geração surgida com a série *Cadernos Negros* em 1978. Publicou em *Cadernos Negros* 2 e 3, foi cofundador do coletivo *Quilombhoje Literatura* em 1980, organizou *Axé – antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982) e lançou *Fogo Cruzado* (1980, contos) e três de poesia, *Plano de vôo* (1984), *A noite não pede licença* (1987) e *Todo o fogo da luta* (1989), além de ter deixado inéditos de ensaio e teatro. Seus textos estão em antologias como *A razão da chama* (1986), organizada por Oswaldo de Camargo, e *Schwarze Poesie* (1988), organizada por Moema Parente Augel.

Em *Poesia Reunida*, a relação com a cidade de São Paulo é constante nos poemas de Colina, com imagens de um sujeito lírico que, a partir da sua corporeidade, observa a estranheza do mundo em *Para tocar no rádio*: “Eu,/ território êrmo,/ plantado na esquina do mundo” (2020, p. 36).

É com a descoberta da consciência pelo lugar, e não pela consciência no lugar, que o espaço se torna essencial e essa nova consciência olha para o futuro e parte para a produção de uma nova história, e assim o sujeito lírico de Colina define o seu *Plano de vôo*:

quebrar o elo
com o silêncio
abrir a porta
da rua
e despertar esse morto
abrir os braços
e libertar esse pássaro
louco
que se bate
há tanto tempo
dentro de mim

sob a poeira da discórdia. (2020, p. 141)

A rosa dos ventos é uma metáfora interessante para o quarteto do poema. O poema revela a insuficiência da história oficial e a necessidade de outras versões da história. Ainda traz para o debate o sujeito coletivo, o nós negro e as suas disputas de narrativa – “os rastros da Noite”. O adjetivo *inútil* e os dois últimos versos podem sinalizar a melancolia diante dessas desavenças, responsáveis pela fragmentação do movimento negro e de enfraquecimento da luta antirracista.

O poeta explora os múltiplos sentidos que as palavras podem ter, causa impacto quando sabemos se tratar de um sujeito lírico negro e a condição racial-espacial está exposta com todos os seus impedimentos. Assim, o sujeito lírico precisa estar atento para sobreviver e seguir a “Primeira regra de vôo”:

Quando sonhamos
com o horizonte
a precisão é fundamental. (2020, p. 51)

Neste terceto, a amplidão da evasão e da paisagem complementa a necessidade de ser certo. Podemos refletir acerca das confluências que ferem e rasgam o sujeito lírico e a população negra. Ter habilidade para realizar uma leitura do contexto em que se vive e como se posicionar no jogo desigual do racismo são questões que exigem uma consciência madura, mas fruto de inquietações.

Por fim, estamos diante de uma poética com uma perspectiva que procurava fugir dos essencialismos. Com uma postura ora quilombola, ora solitária, Paulo Colina foi conciso, lírico, profundo e fundamental para a afirmação da literatura negro-brasileira contemporânea. E até hoje nos obriga a refletir: “Bastaria ao poema apenas/ a cor da minha pele?”

Referência

COLINA, Paulo. *Poesia Reunida*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2020.

* Ricardo Riso é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Relações Étnico-Raciais (CEFET/RJ). Coordenador editorial da Kitabu Livraria Negra e Editora (RJ).